www.psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento produzido em 22.12.2013

HOMOFOBIA ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

2013

Ciro Fernandes de Ferreira
Graduando em Psicologia no Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ, João Pessoa, Paraíba, Brasil
Estudante de graduação em Psicologia do UNIPÊ
ciroferreira.psi@gmail.com

Francisco André da Silva
Graduando em Psicologia no Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ, João Pessoa, Paraíba, Brasil
Estudante de graduação em Psicologia do UNIPÊ
andrew8398@hotmail.com

Ionara Dantas Estevam
Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB e docente no curso de Psicologia da Universidade Potiguar – UNP
ionaradantas@gmail.com

Nilton S. Formiga
Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor do curso de Psicologia na Faculdade Mauricio de Nassau – JP
nsformiga@yahoo.com

RESUMO

Este trabalho, derivado de uma pesquisa de campo com 146 estudantes universitários da cidade de João Pessoa, Paraíba, dos cursos de Psicologia e Ciência da Computação, aborda a questão da homofobia, que vem assumindo maneiras mais discretas nas suas manifestações. O instrumento utilizado foi a Escala de Homofobia Flagrante e Sutil. Os participantes foram classificados como fanáticos, sutis e igualitários. Os estudantes de Psicologia apresentaram pontuações médias de 3,54 para homofobia flagrante e 3,76 para homofobia sutil, inferiores às médias dos estudantes de Computação, que ficaram em 3,94 para flagrante e 4,68 para sutil. Na classificação final, os estudantes de Psicologia foram predominantemente igualitários (44%) e os de Computação mostraram-se em sua maioria fanáticos (65%). Ressalta-se o índice de estudantes de Psicologia que apresentaram algum grau de homofobia (56%). Este percentual pode indicar que esses estudantes poderão se tornar profissionais que terão sua atuação enviesada pelo preconceito.

Palavras-chave: Preconceito, homossexualidade, homofobia flagrante, homofobia sutil

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a Psicologia Social tem se dedicado ao estudo do preconceito e discriminação contra os homossexuais. De acordo com Camino (2010), o interesse pelo estudo das questões do preconceito contra homossexuais vem ganhando espaço tanto na academia quanto na sociedade. Um exemplo disso aconteceu em 05 de maio de 2011, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) aprovou, por unanimidade, o reconhecimento legal da união estável entre pessoas do mesmo sexo. Através dessa aprovação, os casais homoafetivos passaram a usufruir dos mesmos direitos dos casais heterossexuais.

Todavia, o enfoque nesta questão é algo ainda recente, pois até pouco tempo este era um assunto considerado tabu em todas as esferas da sociedade, inclusive a intelectual. Talvez por este motivo, a Psicologia Social não tenha dado tanto interesse à temática do preconceito contra homossexuais como enfatizou nos estudos sobre preconceito étnico e racial (CAMINO, 2010).

Fleury e Torres (2010) apontam que vários estudos no mundo sobre preconceito e discriminação demonstram que estes vêm assumindo maneiras mais discretas nas suas manifestações. Esta mudança comportamental poderá estar associada ao fato de que as sociedades ocidentais têm sofrido modificações nas suas leis e estrutura social para com as minorias. Como exemplo, lembramos a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que condena toda e qualquer forma de discriminação. No entanto, ainda são poucos os estudos que procuram ressaltar essas modificações para com esses grupos minoritários (MARINHO et al., 2004).

Paralelamente à produção científica, as mídias brasileiras também vêm desenvolvendo matérias sobre esta temática, como, por exemplo, a revista Época de 7 de março de 2011, cuja matéria de capa é intitulada: Amor e ódio aos gays. A reportagem questiona por que no Carnaval o brasileiro aceita, imita e consagra tais indivíduos e por que, no resto do ano, há tanta violência contra eles. A revista citada aborda, ainda, histórias reais de pessoas vítimas da violência originada da falta de tolerância e respeito à diversidade sexual (homofobia). Um exemplo citado pela revista Época é o caso do assassinato do garoto Alexandre Ivo, de 14 anos, morto no estado do Rio de Janeiro, em 21/07/2010, por skinheads, vítima do ódio irracional aos homossexuais (MELLO et al., 2011). Apesar de vivermos em uma sociedade democrática, existe esse paradoxo de alguém morrer por não ser igual à maioria!

A violência motivada pelo preconceito sexual mata em torno de 150 pessoas por ano, ou seja, o país é campeão em assassinatos contra pessoas que não expressam a sexualidade "normativa". Com base nessa realidade, Borges e Meyer (2008, p. 61) afirmam: "A homofobia é um problema real, que alcança fortes e preocupantes dimensões no Brasil".

Siga-nos em facebook.com/psicologia.pt

Segundo Castro, Abramovay e Silva (2004), o termo homofobia significa o tratamento preconceituoso e discriminatório sofrido por pessoas tidas como homossexuais. Com o objetivo de transformar esta realidade, o Governo Federal criou, em 2004, o programa "Brasil Sem Homofobia" (BRASIL, 2004), o Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais) e de Promoção da Cidadania dos Homossexuais. O programa é um dos pilares fundamentais para ampliação e fortalecimento do exercício da cidadania.

Partindo destes pressupostos, da relevância deste tema para a sociedade, o presente trabalho teve como objetivo geral identificar a existência de homofobia entre estudantes universitários. Os objetivos específicos da pesquisa foram: identificar o perfil sociodemográfico dos participantes; diferenciar as atitudes de homofobia flagrante e sutil; verificar a existência de diferenças entre as atitudes de homofobia dos estudantes de Psicologia e de Ciência da Computação.

Com base em resultados apontados por pesquisas anteriores, como Lacerda, Pereira e Camino (2002); Castillo e colaboradores (2003); Gouveia, Melo e Camino (2007); Marinho et al. (2004), os autores formularam as seguintes hipóteses: os estudantes de Psicologia apresentam menor pontuação no questionário de homofobia do que os estudantes de Ciência da Computação; as pontuações de homofobia sutil são maiores que as de homofobia flagrante entre os estudantes universitários.

O preconceito é um construto consagrado da Psicologia Social. Myers (1999) o define como um julgamento prévio, uma atitude injustificável, geralmente negativa, em relação a um grupo cultural, étnico ou sexual diferente. "Como outras formas de julgamento prévio, os preconceitos são esquemas que influenciam a maneira como notamos e interpretamos os eventos" (MYERS, 1999). Rodrigues, Assmar e Jablonski (2010) afirmam que o preconceito é tão velho quanto a humanidade, mas, em termos históricos, a sua consideração como um construto científico surgiu apenas ao longo dos anos 1920, relacionado principalmente à questão racial. Na visão de Castillo e colaboradores (2003), a Psicologia Social ainda tem se concentrado, preferencialmente, no preconceito racial, dando menor atenção a outros grupos, como os homossexuais, contra quem também existe preconceito.

Outrora mais explícitas no meio social, as manifestações preconceituosas, notadamente as de cunho racista, têm procurado se enquadrar no que hoje se convencionou chamar de "politicamente correto". "Enquanto o preconceito clamoroso recua, o preconceito sutil persiste" (MYERS, 1999). Para Rodrigues, Assmar e Jablonski (2010), "a percepção de que o clima social mudou, tornando-se menos favorável a manifestações racistas ou sexistas, não deixa de significar um avanço, em termos de normas sociais percebidas e de seus reflexos no comportamento individual". O problema é que as pessoas apenas abrandaram seu comportamento discriminatório, mantendo, no entanto, seus preconceitos internalizados.

Castillo e colaboradores (2003) vão na mesma linha de raciocínio, afirmando que há, atualmente uma tendência das pessoas se apresentarem como indivíduos sem preconceitos. Infelizmente, essa tendência fica apenas na aparência, o que dá lugar a formas diferenciadas, mais sutis e de difícil detecção, de atitudes preconceituosas. Usando de uma terminologia importada da Infectologia, Fleury e Torres (2007) apontam que as transformações que vêm ocorrendo na forma da expressão do preconceito "assemelham-se às mutações que um vírus pode sofrer para coexistir num ambiente inadequado à sua sobrevivência, promovendo, assim, por meio dessa mutação, sua adaptação ao ambiente hostil, mas não necessariamente a sua eliminação".

Para melhor caracterizar as formas explícitas ou implícitas de preconceito, alguns autores (PETTIGREW; MEERTENS, 1995 apud LACERDA; PEREIRA; CAMINO, 2002) cunharam as expressões preconceito flagrante e preconceito sutil, originalmente direcionadas para questões ligadas ao racismo. Nessa conceituação, o preconceito flagrante implicaria em alta rejeição à intimidade e negação de emoções positivas; o preconceito sutil viria caracterizado por pouca rejeição à intimidade e negação de emoções positivas. A ausência de qualquer um desses tipos de preconceito seria definida como igualitarismo, que se caracteriza por baixa rejeição à intimidade e expressão de emoções positivas, sempre em relação ao grupo alvo.

Embora o conceito da homossexualidade seja totalmente despatologizado do ponto de vista científico, ainda nos dias atuais os homossexuais sofrem o preconceito gerado pela ignorância do que seja essa orientação. Essa forma específica de preconceito e discriminação por orientação sexual é caracterizada como homofobia (BRASIL, 2004).

De acordo com Borges (2009), a palavra homofobia foi evidenciada pelo psicólogo George Weinberg no fim da década de 1960, para designar medo aversivo para com as pessoas homoeróticas. Todavia, nos dias atuais o termo possui um sentido mais amplo, não sendo mais definido como fobia (medo patológico), mas como preconceito e discriminação contra qualquer pessoa da população LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (BRASIL, 2004).

Borges (2009) expressa que a homofobia se manifesta através das formas social, cultural, institucional e internalizada. Segundo esse autor a forma de homofobia social e cultural está alicerçada no conceito de que a homoafetividade é de alguma forma uma ameaça ao padrão patriarcal da sociedade. De acordo com essa visão, os homossexuais masculinos são reconhecidos como femininos e colocados de maneira diminutiva na hierarquia social. O autor afirma ainda que a homofobia institucionalizada partiu do princípio de que todas as pessoas têm orientação heterossexual, e por esse motivo a sociedade não dispõe de recursos necessários para atender ao segmento da população LGBT, gerando, assim, mais exclusão social para tais pessoas.

Entretanto, além das manifestações explícitas de homofobia evidenciadas através de agressões verbais, violência física e inclusive assassinatos, existe ainda uma expressão desse

preconceito caracterizada como homofobia internalizada. Segundo Borges (2009), devido ao fato de a nossa sociedade ser homofóbica e heterocentrada, as pessoas homoafetivas poderão assimilar esses valores negativos quanto à sua orientação sexual e desenvolver atitudes negativas sobre si mesmas, afetando assim sua autoestima e suas relações interpessoais.

Na última década, alguns pesquisadores se debruçaram sobre o problema da homofobia, especialmente sobre as suas formas de expressão e as causas atribuídas à homossexualidade. De uma maneira geral, as pesquisas foram desenvolvidas com grupos de participantes relativamente homogêneos, tratando-se de estudantes universitários de graduação ou de pós-graduação.

Lacerda, Pereira e Camino (2002) estudaram as formas como estudantes universitários expressam o preconceito contra homossexuais, chegando a categorizá-los em três grupos: os preconceituosos flagrantes, os preconceituosos sutis e os não preconceituosos. Sua pesquisa contou com a participação de 220 estudantes de uma Universidade Pública de João Pessoa, Paraíba. Os alunos estavam matriculados predominantemente nos Cursos de Psicologia, Engenharia Civil e Medicina. O instrumento utilizado continha uma escala de rejeição à intimidade, uma escala de expressão emocional e, complementando o objetivo do estudo, uma escala de explicações para a homossexualidade, na qual se enquadrava a opinião dos estudantes em explicações de natureza: biológica, ético-moral, religiosa, psicológica e psicossocial. O resultado da pesquisa apontou um empate entre os grupos caracterizados como preconceituosos flagrantes (38%) e preconceituosos sutis (38%), restando um grupo de 24% de estudantes que foram caracterizados como não preconceituosos.

O grupo de preconceituosos flagrantes se correlaciona com os estudantes de Engenharia Civil e apresenta explicações de natureza ético-moral e religiosa, discordando das explicações psicossociais. Já os grupos de preconceituosos sutis e de não preconceituosos vinculam-se às mulheres, aos estudantes de Psicologia e às explicações psicossociais, discordando das explicações ético-morais e religiosas. Os pesquisadores não encontraram correlações significativas entre o tipo de preconceito apresentado pelos participantes e a pertença a alguma denominação religiosa.

De maneira geral, as mulheres mostraram-se menos preconceituosas que os homens, o que se alinha com o pensamento dos autores que enxergam a sociedade paraibana, onde foi desenvolvida a pesquisa, como uma "sociedade machista que construiu uma imagem do homem como hierarquicamente superior à mulher, cuja honra é ferida quando o indivíduo (macho) passa a adotar características femininas" (LACERDA; PEREIRA; CAMINO, 2002, p. 175).

Castillo e colaboradores (2003) empreenderam pesquisa com o objetivo de comprovar a distinção entre preconceito sutil e preconceito flagrante direcionado ao homossexual. O estudo foi realizado entre estudantes do Curso de Psicologia de uma universidade espanhola. Adaptando uma escala relativa a minorias étnicas ao objeto do seu estudo, os pesquisadores chegaram à

Escala de homofobia flagrante e sutil. Essa escala foi elaborada a partir dos itens da escala de Pettigrew e Meertens (1995, apud CASTILLO et al. 2003). Foram adaptados dez itens relativos ao preconceito flagrante, sendo seis referentes ao fator ameaça e rejeição – o exogrupo é visto como uma ameaça e, portanto, é rejeitado – e quatro correspondentes ao fator de intimidade – oposição ao contato íntimo com o exogrupo. Na parte relativa ao preconceito sutil, dos dez itens da escala original apenas sete foram adaptados, já que os outros três eram claramente inadequados para o caso dos homossexuais. Cada um dos enunciados era acompanhado de uma escala tipo Likert de sete pontos, em que 1 representa baixa homofobia e 7 representa alta homofobia.

Os parâmetros psicométricos demonstraram a adequação da escala e os resultados confirmaram a ideia de que a homofobia apresenta características similares ao preconceito racial. A partir das pontuações nas escalas de homofobia flagrante e sutil, os pesquisadores dividiram a amostra em dois grupos, usando como ponto de corte o valor médio teórico de ambas as escalas. Esse procedimento resultou em quatro tipos básicos de indivíduos: os igualitários, com pontuações baixas em homofobia flagrante e em homofobia sutil; os sutis, com pontuações baixas em homofobia flagrante e pontuações altas em homofobia sutil; os fanáticos, com pontuações altas em ambas as escalas; e um grupo caracterizado como ilógico, ou erro, por apresentarem pontuação alta em homofobia flagrante e baixa em homofobia sutil.

De uma maneira geral, o estudo identificou baixos níveis de preconceito contra os homossexuais entre a comunidade universitária espanhola, resultado este comprovado pelas pontuações obtidas que resultaram abaixo do ponto médio teórico da escala: entre 1 e 7, o ponto médio seria 4; a pesquisa apontou 2,67 para homofobia flagrante e 2,90 para homofobia sutil, em uma amostra de 232 participantes. Detalhando os resultados, os pesquisadores encontraram 99 participantes igualitários, com média 2,00 para homofobia flagrante e 2,13 para homofobia sutil; 46 sutis, com médias de 2,35 e 3,52, respectivamente; e 58 fanáticos, cujas médias foram, respectivamente, 3,80 e 3,89. Outros 29 participantes enquadraram-se na categoria "erro".

Marinho e colaboradores (2004) adaptaram a escala de homofobia proposta por Castillo e colaboradores (2003) para o contexto brasileiro. Os autores preferiram denominar de explícita e implícita as formas de homofobia originalmente denominadas de flagrante e sutil pelo autor espanhol. Em pesquisa realizada com 231 estudantes de uma Universidade Pública da Paraíba, os autores encontraram menores pontuações médias de homofobia sutil ou implícita entre as mulheres. Já em relação à homofobia flagrante, ou explícita, não foram encontradas diferenças entre as médias de homens e mulheres. As análises estatísticas realizadas pelos autores permitiram comprovar a validade de construto, embora tenha sido enfatizada a limitação da amostra, reduzida a estudantes universitários. De forma diferente dos resultados obtidos por Castillo na Espanha, os autores verificaram que ambos os sexos apresentaram pontuações médias acima do ponto médio da escala de resposta, demonstrando um maior grau de homofobia entre os

estudantes brasileiros, especificamente os paraibanos, quando confrontados com seus pares europeus.

MÉTODO

Participantes

Os participantes foram 146 estudantes universitários regularmente matriculados em cursos de graduação do Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), sendo 46 do Curso de Ciência da Computação e 100 do Curso de Psicologia. A pesquisa envolveu alunos dos diversos períodos, escolhidos aleatoriamente, desde o primeiro até o décimo.

Instrumento

Para a realização desta pesquisa, foi utilizado o instrumento denominado Escala de homofobia flagrante e sutil, de autoria de Castillo (2003), elaborado originalmente em Língua Espanhola. Os autores deste trabalho fizeram a sua tradução para a Língua Portuguesa, bem como a sua adaptação para a realidade brasileira.

O instrumento é constituído de 17 questões, em forma de assertivas. As dez primeiras tratam da homofobia flagrante, ou explícita, enquanto que as sete últimas abordam a homofobia sutil, ou implícita. Para cada questão, o participante deveria assinalar o número que melhor representasse seu posicionamento em relação à assertiva, numa escala tipo Likert variando de 1 a 7, onde 1 equivale a "discordo totalmente" e 7 equivale a "concordo totalmente".

Atrelado ao instrumento, o participante encontrou um pequeno questionário sociodemográfico, onde foram coletados dados de relevância para nossa pesquisa, tais como: sexo, idade, religião, estado civil e o curso em que está matriculado.

Procedimentos

A aplicação dos questionários foi feita durante as aulas regulares. Uma vez autorizados pelo professor da sala, os pesquisadores convidaram os alunos a participar, explicando os objetivos da pesquisa e a forma de preenchimento dos questionários. As intervenções duraram, em média 15 minutos.

Siga-nos em facebook.com/psicologia.pt

Aspectos éticos

A investigação foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do UNIPÊ, tendo recebido o parecer favorável. Todos os participantes preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com o item IV da Resolução CNS nº 196/96.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Antes de proceder à análise estatística dos dados, houve necessidade de inverter as pontuações de alguns itens. Pela própria redação das assertivas, algumas questões apontavam na direção da atitude homofóbica, enquanto que outras questões apontavam no sentido inverso. Assim, nas questões de números 2, 7, 8, 9, 10, 14, 16 e 17, as respostas foram invertidas, ou seja, a resposta 1 foi entrada como 7; 2 como 6; 3 como 5; 5 como 3; 6 como 2; e 7 como 1. A resposta 4, equivalente a uma atitude neutra, permaneceu com o valor 4.

Com esse tratamento dos dados, todas as respostas de valor 1 indicavam baixa pontuação em homofobia e todas as respostas de valor 7 indicavam alta pontuação em homofobia.

Foram obtidas as médias para cada um dos grupos de estudantes – Ciência da Computação e Psicologia – de forma geral e para cada uma das duas subescalas – subescala de homofobia flagrante, questões de 1 a 10; e subescala de homofobia sutil, questões de 11 a 17.

Utilizando os valores médios das pontuações obtidas como ponto de corte, os participantes foram separados em alta pontuação – maior que a média – e baixa pontuação – abaixo da média.

Ao final, os participantes foram enquadrados nas seguintes categorias, de acordo com a classificação de Castillo e colaboradores (2003): fanáticos, sutis, igualitários e um grupo de erro, conforme o Quadro abaixo.

Categorias	Pontuação em Homofobia	
	Flagrante	Sutil
Fanáticos	Alta	Alta
Sutis	Baixa	Alta
Igualitários	Baixa	Baixa
Erro	Alta	Baixa

Quadro 1- Categorias definidas por Castillo e col. (2003) de acordo com o grau de homofobia

Os participantes da pesquisa totalizaram 146 estudantes, sendo 100 do Curso de Psicologia e 46 do Curso de Ciência da Computação.

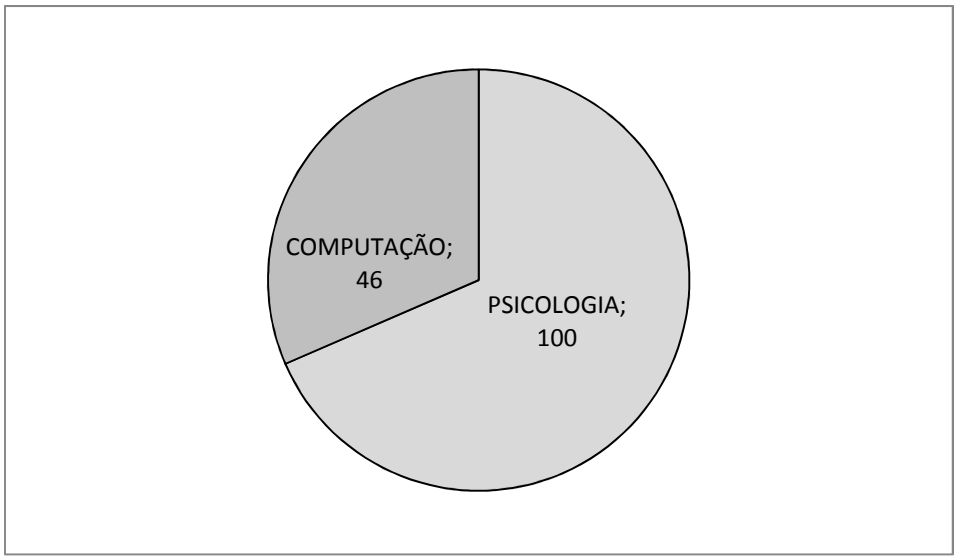

Gráfico 1 – Distribuição de participantes por curso

Quanto ao sexo dos estudantes, participaram um total de 87 mulheres e 59 homens, conforme a distribuição apresentada no gráfico a seguir:

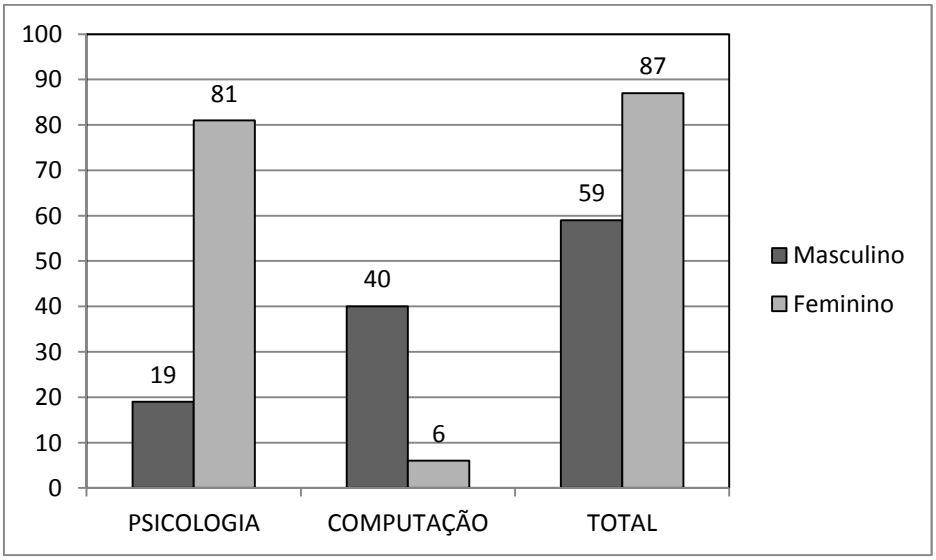

Gráfico 2 – Distribuição dos participantes por sexo e por curso

Percebe-se um predomínio do sexo feminino, no total dos estudantes e, com mais evidência, no Curso de Psicologia, na base de 81 mulheres para 19 homens. Já no caso dos estudantes de Ciência da Computação, houve um amplo predomínio do sexo masculino, com um total de 40 homens e apenas 6 mulheres. Os gráficos abaixo mostram melhor a distribuição percentual por sexo.

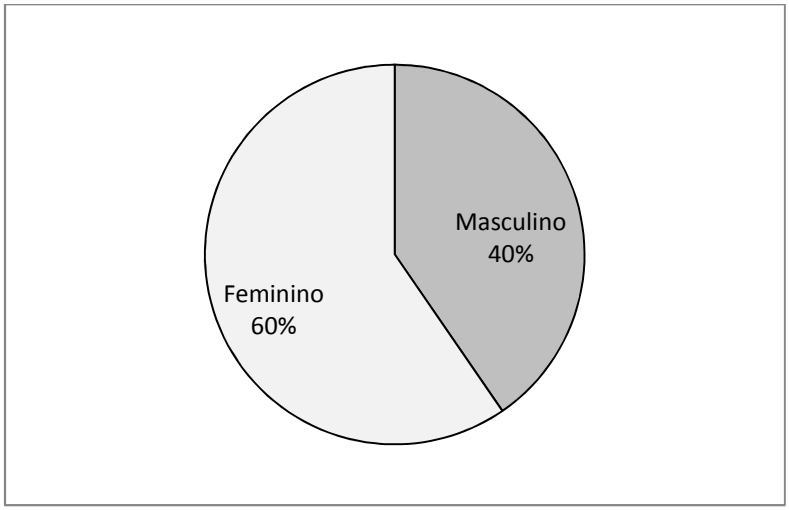

Gráfico 3 – Distribuição por sexo na amostra total dos participantes

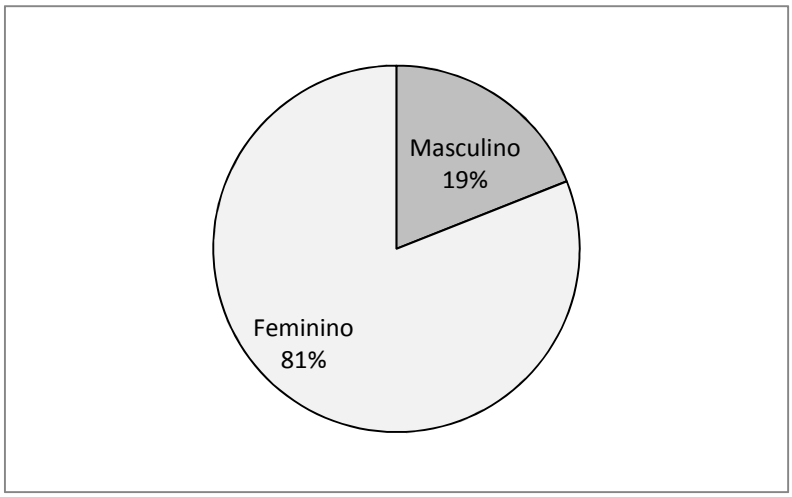

Gráfico 4 – Distribuição dos participantes por sexo no Curso de Psicologia

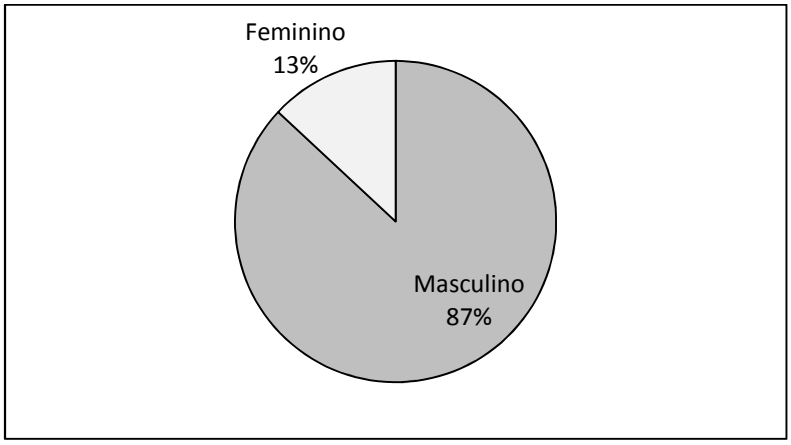

Gráfico 5 – Distribuição dos participantes por sexo no Curso de Computação

Em relação à idade dos participantes, houve uma variação de 17 a 51 anos, com média geral de 24,1 anos. No Curso de Psicologia, as idades variaram de 17 a 51 anos, com média de 25,2 anos; já no Curso de Computação, as idades variaram de 17 a 35 anos, com média de 21,7 anos. Portanto, percebe-se que a média de idade dos alunos de Psicologia foi 16,1% superior à dos alunos de Computação. A Tabela 1, a seguir, sintetiza os dados.

CURSO	VARIAÇÃO (anos)	MÉDIA (anos)
PSICOLOGIA	17 a 51 anos	25,2
COMPUTAÇÃO	17 a 35 anos	21,7
TOTAL	17 a 51 anos	24,1

Tabela 1 – Distribuição etária dos participantes da pesquisa

No quesito Religião, houve uma forte predominância de católicos, representando 61% da amostra total, 57% dos estudantes de Psicologia e 70% dos estudantes de Computação. Em seguida aparecem os Evangélicos, com 23% de participação na amostra total, 24% entre os estudantes de Psicologia e 20% dos estudantes de Computação. Espíritas, outras religiões e estudantes que se declararam sem religião totalizaram 16% da amostra total, 19% dos estudantes de Psicologia e 10% dos estudantes de Computação. Os gráficos abaixo resumem as informações.

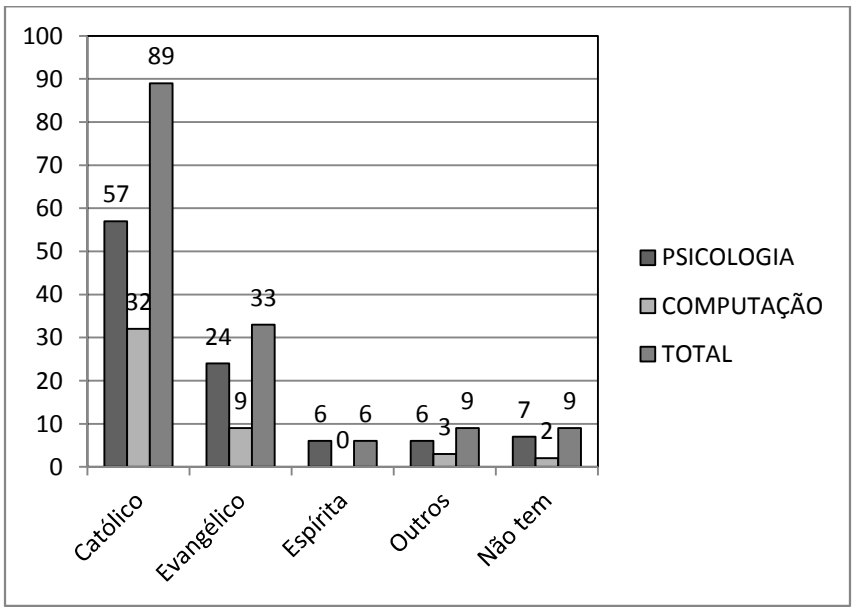

Gráfico 6 – Distribuição dos participantes por Religião

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

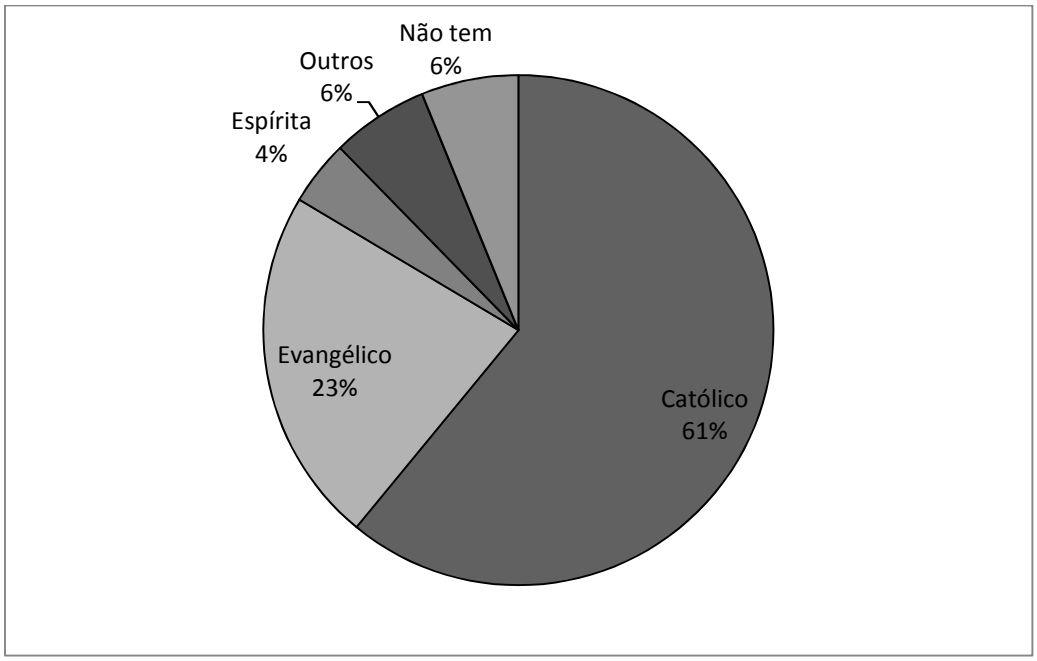

Gráfico 7 – Distribuição por religião na amostra total dos participantes

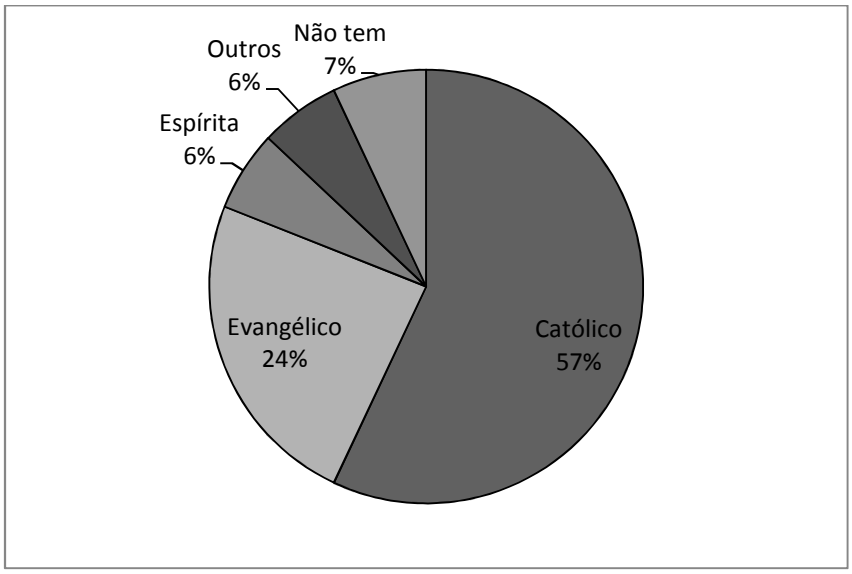

Gráfico 8 – Distribuição dos participantes por religião no Curso de Psicologia

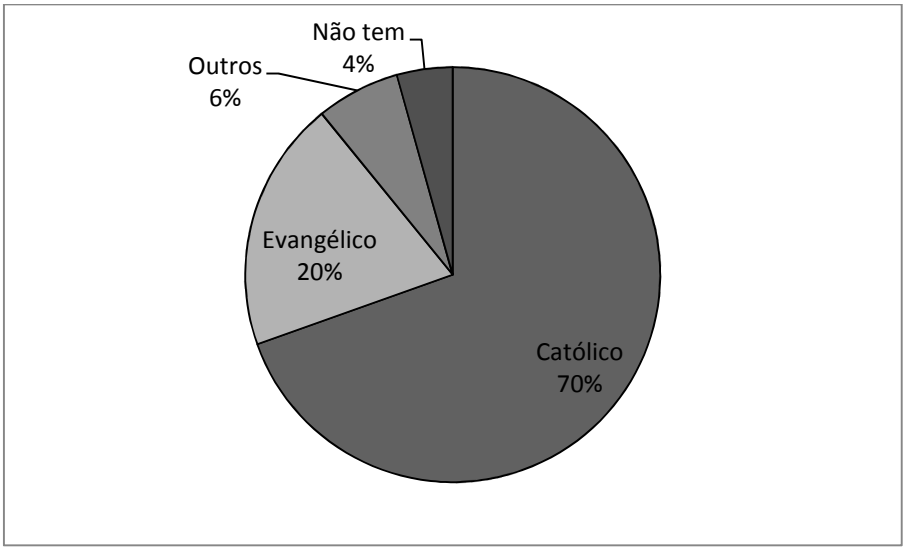

Gráfico 9 – Distribuição dos participantes por religião no Curso de Computação

A análise dos dados referentes ao estado civil dos participantes mostrou um acentuado predomínio de solteiros, atingindo 80% na amostra total, 75% entre os estudantes de Psicologia e 91% dos estudantes de Computação. Já os casados representaram 17% do total dos participantes, 23% dos estudantes de Psicologia e 5% dos estudantes de Computação.

Os gráficos a seguir ilustram melhor a distribuição dos dados referentes ao estado civil.

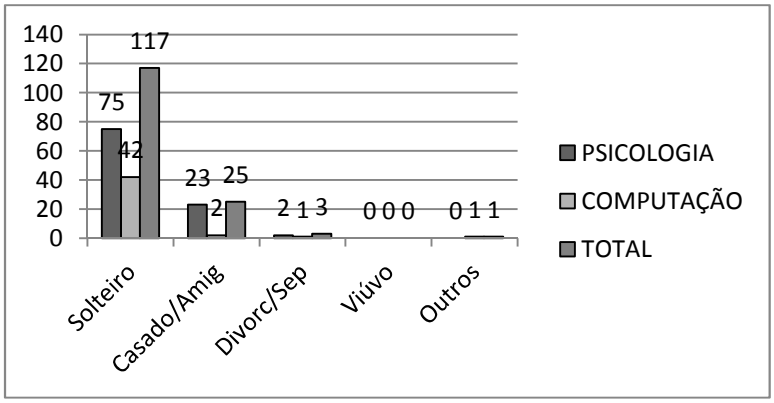

Gráfico 10 – Distribuição dos participantes por estado civil

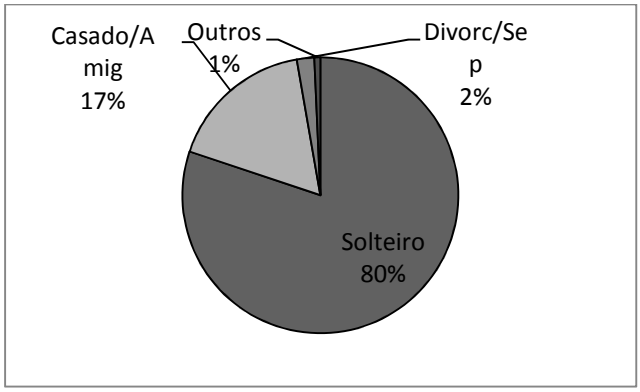

Gráfico 11 – Distribuição por estado civil na amostra total dos participantes

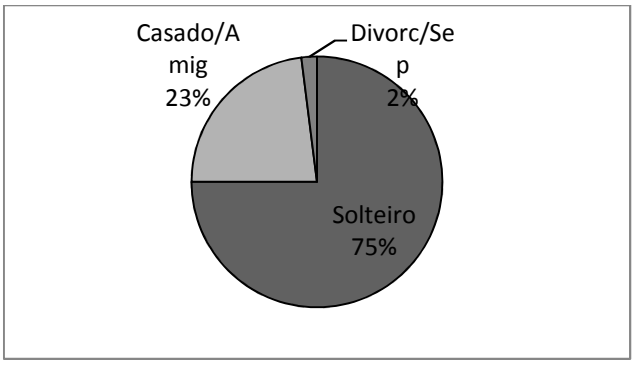

Gráfico 12 – Distribuição dos participantes por estado civil no Curso de Psicologia

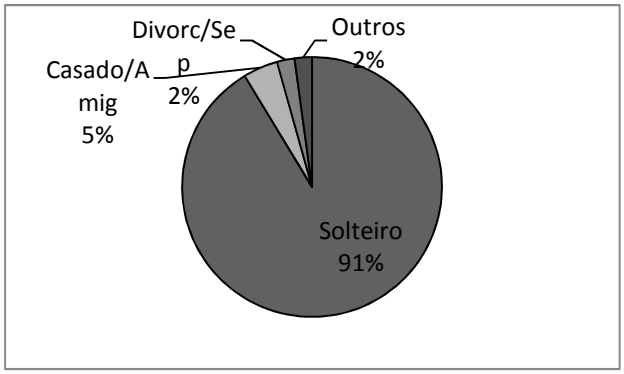

Gráfico 13 – Distribuição dos participantes por estado civil no Curso de Computação

Avaliando o grau de homofobia

A análise dos dados da Escala de Homofobia Flagrante e Sutil, para a amostra de 146 estudantes, nos forneceu as seguintes médias de pontuação:

AMOSTRA	HOMOFOBIA	
	FLAGRANTE	SUTIL
PSICOLOGIA	3,545	3,761
COMPUTAÇÃO	3,941	4,677
TOTAL	3,670	4,050

Tabela 2 – Médias de pontuação na Escala de Homofobia Flagrante e Sutil

Por esses resultados, observamos que as duas hipóteses da pesquisa foram confirmadas.

Primeiramente, comparando-se as pontuações médias na Escala de Homofobia entre os estudantes dos Cursos de Psicologia e Ciência da Computação, constatamos que, em ambas as subescalas, os estudantes de Psicologia pontuaram abaixo dos de Computação. Na subescala de Homofobia Flagrante, a média de Psicologia foi de 3,54 pontos, contra 3,94 pontos de Computação, o que representa uma diferença de 11,2% a mais para Computação. Já na subescala de Homofobia Sutil, a média de Psicologia ficou em 3,76, contra 4,68 de Computação, com uma diferença de 24,4% a mais para Computação.

De igual forma, também verificou-se a segunda hipótese, pela qual as pontuações de Homofobia Sutil seriam maiores que as de Homofobia Flagrante. Em todos os casos isso foi verificado. Para a amostra total, tivemos 4,05 de média de homofobia sutil, contra 3,67 de homofobia flagrante, o que representa uma diferença de 10,4%. No caso do Curso de Psicologia, a média de homofobia sutil foi de 3,76, contra 3,54 de homofobia flagrante, com uma diferença de 6,1%. Já no Curso de Computação, a média de homofobia sutil foi de 4,68 contra 3,94 de homofobia flagrante, o que representa uma diferença de 18,7%.

A análise dos escores de cada participante, quando comparado com as médias totais das duas subescalas, permitiu classificá-los de acordo com as categorias descritas no Quadro 1. A Tabela abaixo resume a distribuição de participantes por classificação na Escala de Homofobia e por Curso.

CURSO	CATEGORIA QUANTO AO GRAU DE HOMOFOBIA				TOTAL
	FANÁTICO	SUTIL	IGUALITÁRIO	ERRO	
PSICOLOGIA	27	08	44	21	100
COMPUTAÇÃO	30	07	08	01	46
TOTAL	57	15	52	22	146

Tabela 3 – Distribuição dos participantes por categoria na Escala de Homofobia

A análise dos dados acima nos permite constatar que, entre os estudantes de Psicologia, predominam os sujeitos classificados como igualitários, com uma predominância de 44% do total, enquanto que os fanáticos chegam a representar 27% da amostra. É surpreendente a quantidade de participantes que foram classificados como "erro" (21%), por apresentarem pontuação elevada na subescala de homofobia flagrante, porém com pontuação baixa na subescala de homofobia sutil. Houve, ainda um total de 8% de estudantes de Psicologia classificados como sutis, o que totaliza 56% de estudantes de Psicologia com algum grau de homofobia (fanáticos, sutis e "erro").

Já no Curso de Computação, a predominância foi de fanáticos, com um percentual de 65,2% sobre o total da amostra. Os sutis representaram 15,2% e os igualitários totalizaram 17,4%, com uma fração de 2,0% de "erro". Podemos totalizar em 82,4% os estudantes de Computação com algum grau de homofobia.

Analisando-se a amostra total dos estudantes de ambos os cursos, constatamos que a maioria se posicionou como fanático (39,0%) ou igualitário (35,6%), com um menor percentual de sutis (10,3%) e de "erros" (15,1%). Assim, um total de 64,4% dos estudantes sondados apresentaram algum grau de homofobia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim dos trabalhos desta pesquisa, gostaríamos de tecer breves comentários sobre os dados obtidos no levantamento com os estudantes.

Primeiramente, não nos surpreendeu a confirmação das duas hipóteses. O perfil do estudante de Psicologia é bem mais liberal e inclui um percentual muito maior de mulheres e de pessoas mais maduras, o que contrasta com o perfil do estudante de Ciência da Computação, notadamente masculino e recém saído da adolescência, com uma visão menos abrangente das relações interpessoais e dos valores igualitários. Isso levou a uma clara diferença pró-Computação na pontuação geral de Homofobia.

Da mesma forma, a pressão da mídia e das instituições sociais quanto ao respeito pela liberdade das pessoas tende a camuflar as manifestações explícitas de preconceito, seja no caso do racismo, seja no caso da homofobia. Essa tendência é demonstrada pelas pontuações mais elevadas em homofobia sutil, quando comparadas com a homofobia flagrante.

O que nos surpreendeu, no entanto, foi o elevado índice de estudantes classificados como fanáticos no Curso de Psicologia, que somaram 27%, além de um percentual de outros 21% que pontuaram acima da média na subescala de homofobia flagrante, mas foram classificados como "erro" pelos critérios da pesquisa. Surpreende-nos pelo fato de que esses estudantes serão, num

breve futuro, profissionais que poderão atuar na clínica, em instituições educacionais ou organizacionais, ou outras áreas, e terão sua atuação enviesada por um perfil preconceituoso, incompatível com uma profissão que pretende se colocar a serviço da pessoa humana, dando suporte, muitas vezes, a seus problemas de ordem emocional e existencial. Cremos que alguns estudantes de Psicologia deverão rever seus valores até a conclusão do Curso.

REFERÊNCIAS

BORGES, K. **Terapia Afirmativa:** Uma introdução à Psicologia e à psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais. São Paulo: edições GLS, 2009.

BORGES, Z. N.; MEYER, D. E. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Ensaio: avaliação de políticas públicas na educação**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 59-76, jan./mar. 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação**. Brasil Sem Homofobia**: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CAMINO, L. Prefácio. In: FLEURY, A. R. D.; TORRES, A. R. R. **Homossexualidade e Preconceito**. Curitiba: Juruá, 2010.

CASTILLO, M. N. Q. et al. La medida de la homofobia manifiesta y sutil. **Psicothema**. Ano/vol 15, n. 2, p. 197-204, Universidad de Oviedo, Oviedo, España, 2003.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade.** Brasília: UNESCO, 2004.

FLEURY, A. R. D.; TORRES, A. R. R. **Homossexualidade e Preconceito**. Curitiba: Juruá, 2010.

GOUVEIA, R.; MELO, I.; CAMINO, L. As crenças sobre a natureza da homossexualidade e as atitudes frente às reivindicações do movimento GLBT. In: KRUTZEN, E. C.; VIEIRA, S. B. (org.) **Psicologia Social, Clínica e Saúde Mental.** João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, (2007)

LACERDA, M.; PEREIRA, C.; CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicologia Reflexão e Crítica.** Porto Alegre, v. 15, n. 1, 2002.

MARINHO, C. A. et al. Adaptação da Escala de Homofobia Implícita e Explícita ao contexto brasileiro. **Paidéia**. João Pessoa, v. 14, n. 29, p. 371-379, 2004.

MELLO, K. et al. Amor – e ódio – aos gays. **Época**, São Paulo: Ed. Globo, n. 668, p. 96-102, 7 mar. 2011.

MYERS, D. **Introdução à Psicologia Geral**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. **Psicologia Social**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt